

Lembranças da Educação dos Tempos de Criança (1930-1960).

Roberto Kennedy Gomes Franco

Professor Adjunto do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI;
E-mail: kennedyfranco@hotmail.com;

Francisco Samuel Lima dos Santos

Aluno do Curso de História da Universidade Estadual do Piauí
E-mail: sml176@hotmail.com

Amanda Maria dos Santos Silva

Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI
E-mail: amssphb@hotmail.com

O texto analisa a ação pedagógica inscrita na corporeidade do ser criança durante o advento do Estado Novo. Para tanto, tenho como fio-condutor a emergência na década de 1930 do Grupo Escolar David Caldas, primeira escola pública a ofertar o ensino primário na cidade de Esperantina/PI. Situada à 180 km ao norte da capital Teresina, a cidade vem das antigas fazendas de Gado do Rio Longá no Piauí. Habitada antes pelos nativos Alongares, virou sítio, povoado, e, em 1920, Vila do Retiro da Boa Esperança¹, em 1939, resultante de próspero florescimento tornou-se Cidade². Historicamente sua economia é marcada pela pecuária extensiva (criação de gado em gigantescas áreas férteis de terra e de água); pelo extrativismo vegetal (babaçu, tucum, cera de carnaúba e seus derivados, produtos amplamente comercializados); e ainda por agricultura de subsistência (cultivo de arroz, feijão e milho).

No Estado Novo, a “instrução pública primária” colabora com a construção de nova ordem social, sendo celebrada como caracterizadora de uma sociedade “moderna” e “progressista”. Personificada pela “cultura civilizada” da ascendente burguesia, a educação pública apresenta “nova” pedagogia para o jeito de ser criança. A partir das manifestações socioculturais do ensino público primário obrigatório, o objetivado em nossa interpretação, era materializar, particularmente na cidade de Esperantina, o ideal de modernidade, urbanidade e civilidade, germinando uma nova pedagogia para a infância. Neste sentido o Grupo Escolar David Caldas, tornou-se centro de “integração social” da criança, com a função de oferecer uma educação básica coadunada à moderna rede de relações educacionais dos “Parâmetros” da “Norma Culta da Língua”. Era a ilusão liberal estendendo seus tentáculos à emergente sociedade capitalista brasileira.

¹ Piauí. Decreto Lei Estadual Nº 970.

² Piauí. Decreto-Lei Nº 147, 1938.

Notamos tal dinâmica se manifestar para a época, através de uma ação empreendedora dos governos (Federal, Estadual e Municipal), no qual os aspectos atrelados ao “progresso” e ao “desenvolvimento”, eram materializados pela modernização dos costumes corporais (higiênicos, educacionais, habitacionais, econômicos, relacionais, etc.), e ainda, a modernização dos espaços, viabilizada pela construção de obras públicas diversas: estradas, pontes, praças, prédios (mercados, escolas, hospitais) e novas cidades como Esperantina.

Segundo Castelo Branco (2005, p. 100, 102, 103):

[...] à idéia de modernizar as estruturas sociais do Piauí passarão a incentivar e a divulgar a vivência cotidiana de novas práticas, de transformar as estruturas sociais, assumindo papel importante na mudança da percepção da infância, à medida que passam a desenvolver intensa prática discursiva, escriturando, criando um saber, uma verdade sobre a infância, que seria legitimada pelo crivo da ciência, da formação superior, e da palavra escrita. [...] O poder público deveria chamar para si à responsabilidade de educar as crianças, buscando com essa política diminuir o poder dos grupos familiares sobre a formação de meninos e meninas, esvaziando práticas cotidianas rurais [...] os corpos aparecem como construção, aptos a movimentarem-se no mundo moderno, disciplinados [...]

Nosso interesse pela oralidade dos tempos de criança se processa neste âmbito, permitindo obter e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas. A este respeito, as lembranças de Maria do Patrocínio Fortes, professora Patrocínio, relatam que:

[...] Estudei lá no David Caldas, terminei o primário lá, fiz até o 5º ano do primário, porque naquele tempo não tinha o ginásio. Não tinha nada a gente estudava mesmo até o 5º ano aí parava. Quem tinha muita condição ia para Teresina e quem não tinha parava.

Meus professores no David Caldas foram a dona Joaquina Mesquita, dona Genoveva mulher do professor Antônio Sampaio, ela foi minha professora 3 anos, ela ainda é viva ...Quando eu terminei o primário, meu pai tinha muito morador lá no Bananal, ele queria que eu fosse dar aula lá, porque tinha muito menino sem saber nada, e minhas irmãs também. [...]

Podemos observar a partir da fala, que para Dona Patrocínio, a experiência dos tempos de criança com o processo de escolarização desencadeado pela rede pública de ensino primário, para os privilegiados que a ela tiveram acesso, germinou na idade adulta, possibilidades profissionais, ao tempo em se apropriava do saber formal, tornou-se, ela também, professora.

Estes elementos apontados, na seqüência do desenrolar histórico, no plano político do sistema de educação em Esperantina vão influenciar o próprio conteúdo escolar, constituindo no planejamento de aula formas de manipulação na hora do voto, basta rememorar-se o que relata a professora Maria Chaves Brito (professora Santa) da localidade Fortaleza:

Lá tinha muito voto, tudo coordenado pelo velho Gervásio, na época da eleição ele chamava todo mundo e dizia pra quem era o voto, ai eles ficavam sabendo pra quem era o voto, porque de primeiro, quando um rico falava com um pobre, ele ficava todo se tremendo, com medo daquele rico, se ele chamasse você, vem trabalhar pra mim, ele vinha mesmo, se não Ave Maria, só faltava castigar o pobre caboclo. A vida antigamente era muito privada as pessoas fazia pena, aqueles caboclo, aqueles pessoal rico botava aquele povo para trabalhar no meio do sol, trabalhavam de roça, derrubando mato, queimando mato, fazendo cerca, ajuntando coivara, era aquela coisa toda, eu tinha tanta pena, os pobre morrendo de trabalhar, mas eu ensinava a eles, crianças e pais, que a gente tinha que aprender alguma coisa, uma arte, aprender a ler porque a gente sabendo ler, a gente compreende as coisa melhor e eles tinham vontade mesmo, tanta que tem muita gente de cima, rico, que eu ensinei. Nas eleições era eu quem ajeitava também, junto com eles, incentivando eles, ensinando como era o voto, o valor do voto...

Eu ensinava, o voto era para o patrão, o patrão na época era o seu Gervásio, o voto era pra ele, se não fosse pra ele mesmo, mas era para os candidatos dele, e nem por isso eu nunca tive uma boa recompensa dele.

Este tipo de depoimento demonstra entre outros objetivos, a função política dada à escola e à tão utópica e contraditória “democratização” do ensino primário e moderno, ensinava-se não apenas o ABC das cartilhas, mas também o ABC do voto e da obediência. O exemplo esperantinense denota o império do coronelismo sem lei no Nordeste brasileiro, onde se destroem as vontades coletivas em prol dos interesses da elite hegemônica. A narratividade presente nas fontes orais sobre a história e a memória da educação pública primária no Estado, personalizada pela proliferação dos Grupos Escolares, faz perceber o circular de novas maneiras de produção das condições objetivas e subjetivas de exploração do homem pelo homem. Este processo de reprodução do discurso acerca da importância da educação, em parte propalada pelas professoras, em parte pelo poder político governamental, contribuiu para a integração do Piauí na tendência da política nacional modernizadora dos espaços e costumes no pós-30.

Aglutinando-se a esta reflexão, temos a respeito da importância das escolas públicas primárias na vida das crianças, o seguinte discurso de Lourenço Filho (1949):

[...] Muitos dos alunos das escolas primárias, por certo, não encontrarão mais, por toda a vida, oportunidades de compreender o dever da escola em proporcionar para milhões e milhões de brasileiros os encantos de amar a leitura como instrumento de saber e de aperfeiçoamento individual, como elemento de formação moral e cívica dos deveres do cidadão³. [...]

Para Getúlio Vargas a educação servia como veículo ideológico de manipulação da população, a “democratização” do ensino trazia consigo um “novo modelo de

³ Fonte: BRAGA, Erasmo. **Leitura IV**: para o 4º ano escolar. 93ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1949. Este livro e outros mais foram doações de nossos entrevistados durante a realização das entrevistas para a dissertação de mestrado. São exemplos dos recursos didático-pedagógicos utilizados nas salas de aula no período em foco e seus discursos.

desenvolvimento social” o Estado Novo, fazendo emergir novas sociabilidades em regiões pouco ou quase nada urbanizadas e/ou industrializadas como a cidade de Esperantina.

Partindo desse princípio, fato pertinente a ser destacado é a ação do Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas na promoção de intercâmbio cultural infantil de estudantes piauienses ao escreverem para colegas de outros Estados, através de cartas.

A este respeito, averiguamos o seguinte discurso no Diário Oficial de 1938:

O Serviço de Inquérito e Pesquisas Pedagógicas dirige outra espécie de correspondência: é o intercâmbio infantil, em vista do qual os estudantes das nossas escolas escrevem a colegas de quaisquer Estados e mantêm com eles permuta de informações sobre as coisas da terra. Centenas de cartas se distribuíram desde o Amazonas ao Rio Grande do Sul, no intuito de melhor conhecer-se essa gente do Brasil de amanhã. Consiste em orientar a criação de instituições auxiliares no Ensino, com as seguintes finalidades: a) fazer a propaganda do Estado; b) amparar os alunos pobres; c) despertar os sentimentos de amor à Pátria; d) entreter a cooperação da escola da família.

Vemos assim a consolidação do papel político do Estado Novo, que mediado pela educação “moderna”, busca interiorizar novos comportamentos, ao desenraizar hábitos tradicionais, onde o papel da nova escola era dizer o que é a criança, definir seus contornos, impondo uma infantilização exterior, higienizando a cultura, ao transformar hábitos cotidianos rurais.

Vale ainda ressaltar a análise do livro **TERRA QUERIDA**, de Lúcia Alvarenga, usado na década do pós-30 em diante e destinado à segunda série primária, nele encontramos temas diversos, tais como: Português com textos para leitura, explicações, ditados, exercícios de gramática, conhecimentos de História do Brasil, Geometria, noções de Ciências e Geometria. Na parte de Ciências Naturais e Higiene, temos o seguinte texto: Higiene do Corpo (Hábitos de higiene): Devemos cuidar do nosso corpo, para evitar doenças. Devemos adquirir hábitos de higiene (limpeza). 1º) tomar banho diariamente; 2º) dormir em quarto arejado. Nos dias de calor, até com as janelas abertas; 3º) Escovar os dentes, pelo menos pela manhã e à noite. (Pela boca entram muitas doenças); 4º) pentear os cabelos; 5º) limpar e cortar as unhas. Nunca deverá roê-las; 6º) trazer sempre seus objetos e os objetos da escola e de casa muito limpos; 7º) não levar à boca senão alimentos ou remédios; 8º) não molhar os dedos na saliva, para passar as páginas do livro; 9º) nunca andar com os sapatos e a roupas molhadas; 10º) antes de tomar as refeições, lavar as mãos; 11º) viver um pouco ao ar livre, tomar sol (não em excesso!); 12º) fazer, em horas apropriadas, ginástica. Tudo isso lhe trará saúde.”

Merece destaque também a arquitetura escolar do edifício destinado ao funcionamento do Grupo Escolar David Caldas, com traços característicos das décadas de 1930/60 guardadas

as devidas proporções, perfila-se no mesmo estilo arquitetônico de muitas outras escolas edificadas por todo o Estado e de grande parte do país; um símbolo, portanto do processo de interiorização e instalação das escolas públicas primárias.

A arquitetura escolar em si, passa a ser condicionadora de normas e regras implícitas e explícitas, conduzindo os corpos dos sujeitos que dela vão “usufruir”, a sistematizar valores, como os de ordem/disciplina/vigilância. A própria localização do edifício escolar é pensada criteriosamente para que pertença há um programa cultural e pedagógico comportado pelo espaço. A construção do Grupo Escolar David Caldas, estrategicamente localizado ao lado esquerdo da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Esperança e ao lado direito da sede do Poder Municipal, e ainda, tendo ao meio, como interseção, a Praça Leônidas Melo, fazem do espaço geográfico da escola mais um símbolo sociocultural.

A este respeito, Monarcha (2003, p. 112, 113, 122), afirma que:

[...] Ao construírem um edifício para abrigar uma escola destinada à formação dos novos e à produção e divulgação da alta cultura e à instrução das crianças [...] a arquitetura transformara-se em pedagogia eloqüente que ensina aos indivíduos os princípios da sociedade perfeita [...] uma arquitetura escolar que, reunindo o grandioso e o funcional, promove a construção de uma imagem de criança. [...]

Através de uma ação empreendedora do Estado, a obra pública de criação (1930) e construção (1937-1939), do Grupo Escolar David Caldas, passa a manifestar o interesse político do Estado pela cidade de Esperantina, ao oferecer um “colégio moderno, não apenas de ensino, mas de vigilância e enquadramento, um instrumento para a educação da infância” (ARIÈS, 1981). Coadunada a esta dinâmica em 1929, chega à Vila da Boa Esperança (Esperantina) a primeira professora formada, a normalista Maria de Jesus Carvalho, que, em 1930, passou a lecionar e dirigir em uma sala de improvisado o recém criado Grupo Escolar David Caldas.

De acordo com Lopes (2002, p. 71, 72):

[...] a Escola Normal servia para formar professoras modernizadoras da sociedade piauiense. [...] O grupo escolar foi o lugar tomado como natural para a ação dessa docente [...] Escola modernizada e modernizante, o grupo escolar, tornou-se o espaço específico da ação dessas professoras, postas pelo sistema escolar como qualificadas para o exercício da modernidade e renovação das práticas pedagógicas no Piauí [...] o grupo escolar tornou-se o ponto de convergência da ação da normalista e do moderno em educação [...] superando o modelo considerado antiquado da casa-escola [...]

Revisitando suas memórias dos tempos de criança em Esperantina, Pereira (1996) afirma que os mestres-escolas simbolizavam uma fase anterior às inovações do ensino na região, uma época onde tudo era de difícil acesso, principalmente nas regiões distantes dos

povoados, fazendas e sítios. Em Esperantina (ainda povoado), a dinâmica educativa, até o início da década de 1930, era incipiente, tendo como alternativa para a ausência de uma política pública direcionada ao serviço educativo, a figura do mestre-escola, que assumia a responsabilidade pela educação dos filhos, netos e agregados das casas de fazenda de gado.

Sobre estes mestres, Pereira (1996, p. 21, 29), nos relata que:

[...] Mestre, especialmente naquele tempo, era além de muito difícil, necessário como pau de porteira, que quebrando-se um, trata-se de arranjar imediatamente outro. [...] naquele tempo, um mestre era um verdadeiro achado e quem tivesse a sorte de ter um à mão, nunca ousava desgostá-lo, nem que fosse por força de um motivo forte. Ao mestre dava-se **carta branca** e, contrariá-lo com a supressão de tais prerrogativas, seria uma temeridade.

A figura do mestre-escola era bem freqüente na zona rural, com salas de aula nas varandas das casas grandes eles iam “disarnando” a garotada da forma como fosse possível e na maioria das vezes com métodos que para nós hoje parecem esdrúxulos, mas que se contextualizados à dinâmica espaço-temporal específica são plenamente compreensíveis. Eram métodos “violentos” e “autoritários” com puxadas de orelhas, palmatórias de fazer “suor de bexiga, escorrer pelo mocotó”, ficar de joelhos em cima de milho, de pés descalços na areia quente do sol, entre outros, típicos da chamada “pedagogia do terror”.

Rememorando o mestre-escola de sua infância, Pereira (1996, p. 24, 25), diz:

[...] Ao pisar na escola mais parecia uma jararaca jogando bote, do que um mestre de letras, com a palmatória na roda do argumento [...] se o sujeito era mesmo **tapado**, sendo incapaz de **resolver direito** a lição de leitura e a escrita, Mestre Belarmino⁴ punha-o de quatro-pés no meio da sala, a fim de ser cavalgado por um discípulo **mais aberto**, que o **esporeava** com os calcanhares nos vazios, mostrando aos outros a quem passava, que o pobre coitado era mesmo burro.

As falas governamentais do Piauí por esta época também sinalizavam suas preocupações com o ensino, especialmente em relação aos mestres-escola e a necessária modernização dos métodos de ensino. Este cenário incipiente em relação à demanda populacional em fase de escolarização no Piauí é relatado pelo Governador do Estado em 1930, o Dr. João de Deus Pires Leal (1928-1930), em Mensagem Governamental, assim comenta: “a instrução pública primária é actualmente ministrada no Estado em 20 grupos escolares, incluída nesse número a escola Modelo da capital”⁵. Envergadura tímida em

⁴ “Mestre Belarmino Bola-de-Ouro, professor que desfrutava o privilégio de ser um grande **disarnador de minino**, destacando-se e sendo preferido, mais pela fama de ser um mestre carrasco, do que pela sapiência, propriamente dita.” (PEREIRA, 1996, p. 16).

⁵ Mensagem apresentada à Câmara Legislativa do estado do Piauí, a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal.

relação as reais necessidades do Estado, o que desvela a carência e a acentuada preocupação com a expansão da oferta de ensino público primário por todo o Piauí.

Sobre a chegada da escola pública em Esperantina, Pereira (1996, p, 52, 55) diz:

[...] O aparecimento da escola pública e das primeiras professoras assalariadas do governo, onde castigo é proibitivo, foi como um espantinho para os mestres-de-varanda, [...] fiquei tão alegre por sair das unhas de Mestre Félix, que dava bolo zebu e metia a quina da palmatória na cabeça da gente, para, por um aborto da sorte, ir esbarrar nas mãos de uma professora que trazia recomendação expressa para não bater em filho alheio, e que, além das explicações que dava, sobre uma porção de coisas que os velhos mestres não sabiam, ainda nos ensinava um bocadinho de cantigas, no começo e no fim de cada aula. Só muito depois é que fui compreender que aquelas cantigas eram hinos patrióticos.

Nesta conjuntura, é relevante ainda a análise do contexto histórico de consolidação da nova política nacional do Estado Brasileiro/Piauiense e do papel da política educacional pública, entre os anos de 1930 a 1960, se buscava construir no cotidiano novas sociabilidades.

Segundo Carvalho (2003, p 87, 88, 92, 93):

[...] O ano de 1930 foi um divisor de águas na história do país. A partir desta data, houve aceleração das mudanças sociais e políticas [...] na área da educação também houve tentativas de reformas. A influência maior veio dos Estados Unidos, sobretudo do filósofo John Dewey. As propostas dos defensores da Escola Nova, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, tinham um lado de pura adaptação do ensino ao mundo industrial, que se tornava cada vez mais dominador, mas tinha também um lado democrático, na medida em que apontavam a educação elementar como um direito de todos e como parte essencial de uma sociedade industrial e igualitária. Num país de analfabetos, tal pregação apontava para um problema central na formação dos cidadãos. [...]

No campo educacional estas são reflexões fundamentais, uma vez que o Estado brasileiro passa a investir massivamente na estruturação das instituições de ensino. No Pós-30, com Getúlio Vargas na presidência e Leônidas de Castro Melo como Interventor no Estado do Piauí, é criado o Ministério da Educação e Saúde e, a partir daí, uma nova política educacional é desenvolvida na teia de relações socioculturais. O Objetivado para a infância era a adaptação corporal das gerações futuras ao mundo do trabalho fabril. Desta forma as propostas de modernização da sociedade brasileira e piauiense passam a ter como ponto fundamental a educação, a partir de então, o número de matrículas ofertadas pela escola pública primária, através da construção dos Grupos Escolares, têm um crescimento significativo na vida das vilas e cidades piauienses.

Ainda segundo Lopes (2001) o primeiro Grupo Escolar do Piauí foi criado em 1922, na cidade de Parnaíba, chamado Grupo Escolar “Mirando Osório”. Em Teresina o modelo de

Grupo Escolar foi implantado em 1926 com o surgimento do Grupo Escolar “Demostens Avelino”.

Nas estatísticas oficiais, observadas nas Mensagens Governamentais do Estado, podemos perceber no pós-30, crescimento acentuado no número de matrículas. Em 1930 teriam sido 7.397 alunos; em 1933, 15.000; em 1937, 32.383; e em 1940, 39.882. Esta informação nos faz perceber um acréscimo no número de crianças matrículas nas diversas unidades escolares, o corpo docente também aumentou, passou de 499 em 1936 para 817 em 1940. Os relatos de época dão conta ainda do crescimento do número de unidades escolares, em 1933, quando ocorreu à visita de Getúlio Vargas a Teresina, foi inaugurado o Grupo Escolar Domingos Jorge Velho. No interior, neste mesmo período, o governo (estadual e/ou municipal) empenhou-se seriamente na construção de Grupos Escolares nas cidades de Amarante, Barras, Floriano, Piracuruca, Pedro II, José de Freitas, Buriti dos Lopes, Valença, Porto Alegre, São Pedro, União, Buriti dos Lopes, Parnaíba, Bom Jesus, Belém, Canto do Buriti, Luiz Correia, Gilbués, Socorro, Corrente, Regeneração, Aparecida, **Boa Esperança (Esperantina)**, Jerumenha e Santa Filomena, em 1935 eram 310, já em 1940 são 535.

Brito (1996) recorda-se que o governo do Piauí empenhou-se seriamente, no período de 1933 a 1937, na expansão da rede escolar primária, construindo novos e modernos prédios escolares em todo o Estado e ampliando consideravelmente as matrículas que no período, alcançaram um crescimento de 215%, segundo estatísticas oficiais. Este fato colocou o ensino primário no Piauí em destaque, tendo o Estado alcançado, o 1º lugar no contexto nacional o que lhe valeu receber como prêmio uma bandeira do Brasil oferecida pelo Presidente da República e que integra o acervo do Museu Histórico.

A idéia de progresso impregnava-se aos discursos generalizadamente, as ações governamentais trabalhavam com projeto de modernidade dos espaços (públicos e privados) e costumes socioculturais nas vilas e cidades do Estado do Piauí, que neste instante, passam a ser beneficiadas pelas tendências à urbanização, e ao desenvolvimento comercial. O ensino primário, propalado amplamente, como veículo de ascensão social, passa a ter um papel essencial. O papel dos educadores foi o de verdadeiros desbravadores, “colonizadores”, da cultura letrada e cristã, ensinando a norma culta da língua, mas não apenas, também dando lições e noções básicas de higiene, economia, cultivo e criação de animais, ensinando o catecismo e enfim “civilizando” aos alunos.

A professora Maria Chaves Brito, em decorrência de sua profissão, comenta que:

[...] lá tinha uma senhora perto de mim, com 15 filhos, mas era tão pobre essa cristã, pobre de gritar. Ai eu disse: oh Maria José, seus filhos só vive no mundo é doente, cheio de verme, buchudo e amarelo. Ai ela disse: oh Maria Santa, o que eu faço, eu só vivo atrás do médico, eu disse, olha: pra tu deixar de andar atrás de médico?. Ai eu digo: faz o que eu vou te dizer, tu manda cavar um buraco fundo, em um lugar enxuto e tu bota os paus, mais bota uns paus grande, que tem uma moda de quebrar uns beijo, ai cai com tudo, ai sendo grande não, e tu usa um filtro pra tu dar água filtrada pra essas crianças e assim ela fez.

Eu disse, olha Maria José, até a urina não deixa esses meninos urinar em redor de casa, no chão, se ele quiser e até no buraco bota uma vasilha, um litro, ou uma coité, eu ensinava tudo, eu dizia como era pra escovar os dentes, também eu dizia, olha os dentes dessas crianças não deixa eles escovar os dentes e cuspir assim onde todo mundo pisa, as vezes uma criança pisa, aquilo tudo tem contágio, ai ela ensinava aqueles meninos dela.

Menino, ela criou esse meninos tão educado, sobre este ponto, que de manhã ela mandava cada um pegar a escova e escovar os dentes e cuspir ali naquele lugarzinho, ali onde ninguém pise, que foi Maria Santa que me ensinou.

Ai também dois meninos tiveram hepatite, ai ela chorou muito, oh Dona Santa, o que eu faço pra curar esses meninos, sem eu ter condição, ai eu disse, deixa estar Maria José, eu te ajudo, o primeiro remédio pra comprar, eu dei o dinheiro, ai ela foi e comprou, ai eu disse, você vai trancar esse meninos tudo dentro de um quarto e bota num quanto e amara a esteira na porta que a casa era de palha e pede para ninguém sair, coloca um pote para os dois beberam água, diz para só os dois meter a mão e mais ninguém, e só você leva a comida, olha mas ela cuidou tanto destes meninos que não pegou mais em ninguém, eles só saíram de lá com 30 dias, todo mundo bom. Eles tinham hepatite e da brava, eu lia muito e eu via aquilo que era, ali que podia ser aquela doença [...]

Como vemos a ação educativa desenvolvida vazava o espaço escolar, circulando no cotidiano, não apenas da sala de aula, mas na teia de relações sociais, articuladas na vivência coletiva com vizinhos, amigos, parentes, entre outros.

Para além das modernas escolas, as condições de vida da grande maioria continuavam sofridas e segregadas do ponto de vista social, a educação desta forma se manifesta como a ponta de um iceberg das desigualdades sociais do nordeste brasileiro do pós-30 do século XX.

A professora Isabel Rosina, em sua fala, manifesta bem, a integração ao projeto inaugurado pela educação no pós-30:

[...] Eu ensinava que o bom aluno respeita todo mundo, escuta o pai e a mãe, na aula se mostra estudioso e aplicado, o mestre contente com ele, tem muito cuidado com sua pessoa, o rosto e as mãos dele estão limpos, o cabelo sempre penteado e respeitoso para que todas as pessoas sempre gostem dele. Ai dizia exemplos, fala assim: o pequeno André só tinha 6 anos de idade, então ele fez uma provinha muito boa, tirou nota alta, ai ele saiu rápido para contar aos pais, chegou no caminho, encontrou um velho todo de cabeça alvinha de barba branca, ai ele tirou o chapéu com respeito e disse: boa tarde senhor, ai o viajante virou-se e falou: meu menino, não o conheço, mais sua cortesia me mostra que você é bem educado, agora estou certo que mais tarde você será um homem honesto.

E ai eles ficaram olhando! Aprendi estas histórias em meus livros, eu aprendia para passar para eles, se eu não botasse pra escrever, eu mesma contava, num sabe! [...]

Era o Brasil re-colonizado pelo projeto político de integração e desenvolvimentismo nacional, também era a solidificação sócio-cultural de padrões estilizados de uma nação semi-

industrial, onde as tradições seculares de vínculo homem-natureza eram fragmentadas, dissolvidas, em nome de novos valores modernizadores da emergente burguesia industrial.

Podemos concluir que todo este desenrolar histórico seria manifestação da democratização ou universalização do ensino público primário – um populismo educacional – iniciado ainda na 1ª República, em 1889, e que tardiamente como manifestação do populismo educacional do Estado Novo (1937-1945) em diante buscou de fato democratizar e/ou universalizar o ensino público primário, conforme o constatado pela investigação histórica em Esperantina, entre os anos de 1930 a 1960.

Contudo é preciso pontuar que o movimento de emergência de escolas públicas não só em Esperantina, mas em todo o país foi direcionado por um movimento desigual e combinado, onde variando a confluência de fatores sociais, econômicos, políticos e culturais, entre outros, variava-se a oferta de serviços não apenas educacionais, mas serviços públicos diversos. Todo esse processo é característico de uma estrutura social fundamentada na desigualdade social, camuflada em uma sociedade pseudo-democrática, que ilusoriamente mascara e oprime a população na masmorra da miséria e que a conta gotas permite alguma melhoria ou ascensão social.

Referências Bibliográficas e Fontes.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRITO, Maria Chaves. Entrevista concedida a Roberto Kennedy Gomes Franco, outubro de 2002.

CARVALHO, José Murilo de,. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 4ª Ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Com afeto e disciplina: a invenção da infância entre a literatura e a história. **IN: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar; et al. História: cultura, sociedade, cidade**. Recife: Bagaço, 2005.

FORTES. Maria do Patrocínio. Entrevista concedida a Roberto Kennedy Gomes Franco, outubro de 2002.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. Uma Ascensão lenta, mas sem abalos: modernidade, reforma e progresso na instrução pública piauiense na primeira república. **IN: Maria Juraci Maia; et al. História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

MONARCHA, Carlos. Arquitetura escolar republicana: a escola normal da praça e a construção de uma imagem de criança. **In: FREITAS, M. C.(org.) História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, Bragança Paulista: USF-IFAN, 2003.

OLIVEIRA, Isabel Rosina de. Entrevista concedida a Roberto Kennedy Gomes Franco, outubro de 2002.

PEREIRA, Antônio Sampaio,. **Velhas escolas: grandes mestres**. Teresina: COMEPI, 1996.

PIAUHY, Governador (João de Deus Pires Leal). **Mensagem Governamental** apresentada à Câmara Legislativa do Estado do Piauí a 1ª de junho de 1930, pelo Governador, Exmo Sr. Dr. João de Deus Pires Leal. Teresina, Imprensa Oficial.

Piauí. Decreto Lei Estadual Nº 970.

Piauí. Decreto-Lei Nº 147, 1938.

SANT'ANNA. D. B. **Corpos de Passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.

_____. O corpo entre antigas referências e novos desafios. **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo, v.5 n.2 p.275-284, dez. 1997.

_____. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo, estação Liberdade, 1995.